

## **Estágio em Psicologia Comunitária: as vicissitudes de um aprendizado em contextos de vulnerabilidade social**

Anelise Machado Folharini<sup>1</sup>

Daniela Paz Carvalho<sup>2</sup>

Tiago da Silva Silvano<sup>3</sup>

Rosane da Silva Motta<sup>4</sup>

Tamires Paveglio<sup>5</sup>

Tiago Grandini da Silva<sup>6</sup>

Loiva dos Santos Leite<sup>7</sup>

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo apresentar o percurso da vivência dos alunos de psicologia no estágio curricular em Psicologia Comunitária, no decorrer do ano de 2023. Retrata o aprendizado em um campo em que a vulnerabilidade social se faz presente e se reproduz nas relações interpessoais e comunitárias. Buscou-se compreender como a dinâmica da vida em comunidades vulneráveis pode, ao mesmo tempo, produzir sofrimentos que marcam a existência e transformações que redefinem caminhos da vida. A metodologia utilizada foi o relato de experiência, de abordagem qualitativa descritiva, retratando as atividades realizadas em grupos na saúde e assistência social e a identificação das demandas de uma escola. Na saúde foram realizados grupos com mulheres, na assistência social os grupos direcionaram-se aos adolescentes e na comunidade escolar procedeu-se o acolhimento das diferentes demandas. Como resultados constatou-se, que o grupo de mulheres se configurou com um espaço de diálogo, de acolhimento e desconstrução de paradigmas reforçados social e culturalmente acerca do papel feminino na sociedade. Para os adolescentes, o grupo propiciou um ambiente acolhedor e de escuta para que se sentissem seguros em trazer suas angústias e os acontecimentos que permeavam os seus cotidianos, seja na escola, seja na família ou entre os pares. Na comunidade escolar, a escuta, os atendimentos individuais e em grupo, as observações em sala de aula e nos intervalos,

---

<sup>1</sup> Discente do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Cesuca. E-mail: [annelise.psico@gmail.com](mailto:annelise.psico@gmail.com)

<sup>2</sup> Discente do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Cesuca. E-mail: [danieladcom@gmail.com](mailto:danieladcom@gmail.com)

<sup>3</sup> Discente do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Cesuca. E-mail: [ts.silvano@hotmail.com](mailto:ts.silvano@hotmail.com)

<sup>4</sup> Discente do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Cesuca. E-mail: [rosane\\_ane@hotmail.com](mailto:rosane_ane@hotmail.com)

<sup>5</sup> Discente do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Cesuca. E-mail: [tamirespaveglio2@gmail.com](mailto:tamirespaveglio2@gmail.com)

<sup>6</sup> Discente do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Cesuca. E-mail: [tiagograndinisilva@hotmail.com](mailto:tiagograndinisilva@hotmail.com)

<sup>7</sup> Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Cesuca. Supervisora local do estágio de Psicologia Comunitária. Doutora em Psicologia Social. E-mail: [loiva.leite@cesuca.edu.br](mailto:loiva.leite@cesuca.edu.br)

evidenciaram o sofrimento vivenciado pelos alunos, pais e/ou professores, diante de um contexto de vulnerabilidades emocionais e materiais. Nesse contexto, as vicissitudes que marcaram o estágio em psicologia comunitária foram fundamentais para compreensão da atuação da psicologia em contextos de vulnerabilidade social. Escutar as mulheres, os adolescentes, as crianças, os profissionais e outras pessoas que cruzaram o caminho dos estagiários proporcionou aprendizados significativos para a futura vida profissional.

**Palavras-chave:** Estágio em Psicologia Comunitária; Vulnerabilidade Social; Grupos.

“Olhar a Psicologia Social a partir da perspectiva apresentada por Lane é enxergar a inseparabilidade da pesquisa, prática e reflexão, nas quais a realidade é antes de tudo o ponto de partida”. (Lima et al., 2009, p. 228)

## 1 INTRODUÇÃO

A Psicologia Social Comunitária (PSC) teve seu campo de atuação consolidado a partir dos anos 1970, no Brasil, num contexto de mudanças das práticas em psicologia, visando uma aproximação com as classes menos favorecidas socialmente. As práticas, até então, estavam direcionadas para atendimentos individuais, avaliações psicológicas, problemas de aprendizagem, consultorias, recrutamento e seleção, ou seja, seguindo um modelo tradicional de atuação em psicologia (Scarparo & Guareschi, 2007). Com o propósito de transpor o modelo individualizante e o aporte teórico positivista, alguns movimentos se instituíram na América Latina e no Brasil, inspirados nas obras de Paulo Freire e nos textos sobre práticas emancipatórias desenvolvidas na Europa. Com isso, questionamentos e reflexões acerca dos limites da psicologia tomaram corpo e passaram a considerar as práticas participativas e os espaços coletivos como possibilidades de inserção para atuação da psicologia (Scarparo & Guareschi, 2007). Espaços comunitários como associações e comunidades eclesiais de base foram locais em que inicialmente a psicologia se inseriu para constituir práticas sob a perspectiva social comunitária, segundo as autoras citadas.

Gradativamente, com a consolidação de um corpo teórico e prático, a PSC passa a se inserir, através de suas práticas e atuando em equipes multiprofissionais, em serviços da rede pública nas áreas da saúde, assistência social, educação, sistema prisional, entre outros. Freitas (2015, p. 524) refere que no campo de atuação da PSC “há uma diversidade de práticas, fazeres, referenciais teóricos, instrumentais utilizados, temáticas focalizadas e privilegiadas para as ações, de

proposições distintas mesmo que para dinâmicas e contextos comuns, recursos empregados para reunir e mobilizar grupos e comunidades”. A PSC dirige-se para os problemas sociais,

as dificuldades vivenciadas por determinada população visando a resolutividade, bem como a emancipação, o “fortalecimento e a construção de redes de convivência mais solidárias, justas e dignas” (Freitas, 2015, p. 526).

Nesse contexto, a formação em psicologia social comunitária conta com uma pluralidade de referenciais teóricos-epistemológicos, conforme ressaltam Gonçalves e Portugal (2016), indicando que a complexidade da vida extrapola os limites convencionados por uma ou outra abordagem teórica. Psicoterapia Breve, Psicologia Social Crítica, Teoria Sistêmica, Movimento Institucionalista, Psicossociologia, Psicologia da Libertação, Grupo Operativo (Pichón-Riviére), Psicanálise, entre outros, compõem essa diversidade teórica para que os profissionais implicados em ampliar a dimensão do cuidado para além do indivíduo, possam atuar com coerência nas diferentes demandas. Um dos desafios da atuação em PSC diz respeito a superar o foco exclusivo no indivíduo, remetendo o olhar para o “coletivo-comunitário”, mas não desconsiderando as dimensões concretas e subjetivas (Gonçalves & Portugal, 2016, p. 566), expressas no modo de viver e de se relacionar das pessoas.

A inserção da PSC na formação dos futuros psicólogos, especificamente no Centro Universitário Cesuca, ocorre nas disciplinas de Psicologia Social e Intervenções Psicossociais e Introdução à Saúde Mental, nos semestres iniciais do curso. Posteriormente, os alunos podem optar por realizar estágios em psicologia comunitária em locais que oportunizam a prática nesse campo. Um desses campos refere-se ao Núcleo Comunitário do Serviço Escola de Psicologia do Cesuca (SEP), que atua em uma comunidade na cidade de Cachoeirinha/RS. O SEP tem por objetivo proporcionar a formação dos alunos de psicologia através de estágio básicos e profissionais e está organizado em quatro Núcleos de atuação: Acolhimento e Grupos, Clínico, Famílias e Comunitário. Cada Núcleo conta com uma professora que supervisiona as diversas atividades realizadas pelos estagiários, bem como organiza seminários teóricos e encontros clínicos. O serviço-escola conta com espaço próprio na estrutura do Cesuca para os diferentes atendimentos que os alunos desenvolvem no processo de formação.

O Núcleo Comunitário, porém, efetiva suas práticas de campo em uma 555

comunidade que apresenta significativa vulnerabilidade social, com pessoas desempregadas, tráfico de drogas, violências de diferentes ordens, o saneamento básico e pavimentação de ruas está restrito a uma parte do território. Embora conte com escolas, posto de saúde, associações comunitárias e Centro de Referência em Assistência Social (CRAS), o acesso a esses serviços ainda é precário e as ações nem sempre são resolutivas. Desse modo, constata-se que a vulnerabilidade impacta diretamente na saúde mental da população da comunidade.

No percurso dos estágios no Núcleo Comunitário do SEP, os alunos se inserem em serviços da assistência social, saúde e escolas, realizando atividades de acolhimento, psicoterapia breve, grupos terapêuticos, visitas domiciliares e atividades de acompanhamento às demandas diversas. As atividades são supervisionadas semanalmente, além dos seminários teóricos que visam aprofundar a teoria com a prática. Durante o primeiro semestre deste ano, os estagiários realizaram atividades na assistência social e saúde e, ao iniciar o segundo semestre, em uma escola municipal.

As atividades desenvolvidas priorizaram acolhimentos e os atendimentos em grupos, oportunizando a compreensão dos contextos em que as pessoas vivem, como se relacionam, quais são seus valores, cultura e história. Yasui et al. (2018, pp. 176-77) referem que conhecer o território onde as pessoas vivem nos mostra a vida tecida com “múltiplos fios de diferentes e diversas disciplinas e de experiências concretas que nos falam do sofrimento, da dor, do corpo, da angústia de viver, das dificuldades, impasses e alegrias da vida, atravessada por múltiplos planos”. Nesse sentido, a inserção na comunidade aproxima os alunos das diversas dimensões do existir humano, ampliando conhecimentos e promovendo conexões teórico-práticas.

Considerando as vicissitudes experienciadas no campo de formação em psicologia, este artigo objetiva apresentar o percurso realizado pelos estagiários de Psicologia Social Comunitária do SEP, no decorrer do primeiro e segundo semestres de 2023, enfatizando as estratégias de cuidado que foram utilizadas.

## **2 METODOLOGIA**

Trata-se de um relato de experiência, de abordagem qualitativa, que visa apresentar a trajetória de formação dos alunos de psicologia, no contexto comunitário, utilizando-se dos pressupostos da Psicologia Social Comunitária. As atividades foram desenvolvidas por seis estagiários do nível Básico e Profissional,

no período de março a setembro do corrente ano. As atividades destinaram-se às pessoas de todas as faixas etárias, de ambos os sexos, moradoras da comunidade assistida pelo Núcleo Comunitário do Serviço-Escola de Psicologia do Centro Universitário Cesuca.

Os espaços de atuação foram a Estratégia de Saúde da Família (ESF), o Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) e uma Escola Municipal de Ensino Fundamental. Grupo de mulheres, grupo de adolescentes, acolhimentos, atendimentos individuais, observações, reuniões e atividades lúdicas referem-se às atividades desenvolvidas pelos estagiários.

Também foram realizadas supervisões semanais e seminários teóricos, de modo a aprofundar os conhecimentos e articular teoria e prática. Todos os participantes ou seus responsáveis assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para fins de autorizar a realização de estudos, bem como para garantia do sigilo acerca das identidades.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

#### **O grupo de mulheres**

A atuação no âmbito da Saúde se deu através da inserção em uma Estratégia de Saúde da Família (ESF) e uma das modalidades de atendimento à população foi o Grupo de Mulheres. O grupo iniciou em outubro de 2022, por iniciativa das estagiárias do Núcleo Comunitário do Serviço-Escola de Psicologia. Os encontros ocorrem quinzenalmente, com duração de 1h e 30min e as participantes possuem entre 29 e 74 anos. Trata-se de um grupo aberto, em que não há limite de participantes e idade mínima de 18 anos. Os atendimentos são conduzidos por uma estagiária do Estágio Profissional e por outra do Estágio Básico II. São reforçados os combinados sobre o sigilo e que o momento é de autocuidado, reflexão, acolhimento e não julgamento.

Além das intervenções realizadas pelas estagiárias, as próprias mulheres também intervêm toda vez que percebem alguma conexão entre suas vivências e o que está sendo dito por outra participante. Esta troca tornou-se muito significativa, pois as mulheres mais idosas trazem suas experiências do passado que dialogam com situações do presente das mais jovens. São feitos paralelos entre as vivências, demonstrando as diferenças e semelhanças nas histórias. Yasui et al. (2018, p. 177) referem que somos singularidades que se constituem nas relações, nos encontros e,

nesse sentido, “o cuidado se faz em rede e em um lugar”. Para os autores, as estratégias de cuidado, tecidas na interação entre as pessoas, possibilitam ressignificar e reinventar-se diante das diversidades e complexidades da vida.

O grupo reflete a vida de cada mulher, as nuances de seus cotidianos, as dificuldades que vivenciam nas relações conjugais e familiares, que nem sempre são coerentes com as expectativas que nutriram durante anos. Nesse sentido, o grupo mostrou-se um espaço de diálogo, de acolhimento e desconstrução de paradigmas reforçados social e culturalmente acerca do papel feminino na sociedade. Grupo pode ser compreendido como um “agente de mudança e transformação da realidade”, pois na medida em que o grupo se fortalece (Costa et al., 2018, p. 1985), o indivíduo se repensa e passa por transformações. O vínculo grupal é definidor do processo terapêutico, pois é através do vínculo que o grupo se configura como tal (Costa et al., 2018).

Durante alguns encontros emergiram vivências difíceis, com relatos de violência doméstica, abandono, luto, suicídio de familiares muito próximos, dependência química de pais, marido ou filhos, abusos sexuais, entre outras temáticas. Externar as dores faz com que elas consigam redimensionar os seus sofrimentos e, muitas vezes, elaborar e acomodar estas lembranças de maneira mais satisfatória, aliviando angústias há muito represadas. Este é um dos objetivos do grupo, ou seja, proporcionar às mulheres um espaço terapêutico de escuta e acolhimento, onde elas possam falar sobre suas vivências, construindo ou fortalecendo vínculos, a fim de trabalhar questões como autoconhecimento, autonomia, empoderamento, melhoria da qualidade de vida e dos relacionamentos.

A inserção em uma comunidade vulnerável oportunizou às estagiárias aprendizados significativos, especialmente no que se refere ao universo feminino, onde foi possível aprender com as histórias de vidas das mulheres do grupo. Histórias marcadas por sofrimentos e perdas. Por difíceis realidades que insistiam em se fazer presente, em não permitir que elas ressignificassem e trilhassem outros caminhos. Mas a interação grupal foi transformadora. Estagiárias e mulheres aprenderam e cresceram juntas. Mudaram suas histórias, pessoais e profissionais. São as vicissitudes da vida e dos encontros.

### **O grupo de adolescentes**

O grupo de adolescentes foi realizado no Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) da comunidade na qual os estagiários desenvolveram suas atividades

práticas. Os encontros eram semanais, sendo um grupo no período matutino e outro no vespertino, com adolescentes de ambos os sexos, com idades entre 15 e 16 anos, vinculados ao Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) e moradores da comunidade. A maioria encontrava-se em situação de vulnerabilidade social.

O trabalho em grupo dedicou-se às questões dessa faixa etária e aos projetos de vida, visto que estavam em processo de transição entre a infância e a adultez, período marcado por diversas mudanças físicas, psicológicas e sociais. É também neste período que os jovens enfrentam desafios, buscam mais autonomia, experimentam diversos papéis sociais que contribuem para a formação da sua identidade e constroem relações interpessoais (Rodrigues & Damásio, 2014).

Em consonância com as demandas dos adolescentes, os encontros eram movidos pelas temáticas relativas à vivência escolar, a interação com os pares, as relações familiares e o futuro profissional. Costa et al. (2018) referem que os temas abordados no grupo são pertinentes com a realidade vivida pelos participantes e o terapeuta atua como facilitador do processo terapêutico. A adesão às atividades foi constituindo-se gradativamente, no decorrer dos encontros, consolidando o vínculo entre os estagiários e os participantes. Diversas dinâmicas foram propostas visando trabalhar aspectos da identidade, sexualidade, papéis de gênero, comunicação, interação, cooperação e competição de forma saudável, construção de vínculos, habilidades emocionais e fortalecimento das relações interpessoais entre os integrantes. Um dos temas que emergiu com relativa frequência referia-se aos vínculos familiares. Os relatos evidenciaram a precariedade dos vínculos, a ausência de proteção ou ainda, a negligência por parte dos responsáveis.

Nesse contexto, o grupo propiciou um ambiente acolhedor e de escuta para que os jovens se sentissem seguros em trazer suas angústias e os acontecimentos que permeavam os seus cotidianos, seja na escola, seja na família ou entre os pares. Podiam manifestar livremente seus conceitos, preconceitos e dúvidas, além dos sentimentos de desamparo e de frustração pelas condições em que estavam inseridos. Ao encontro dessas demandas, os estagiários propunham atividades que fortalecessem os adolescentes na busca por outras possibilidades de vida e de relações mais saudáveis e acolhedoras. Estabelecer um vínculo de confiança com os adolescentes não representou um obstáculo, pois percebeu-se que a maioria deles demonstrava necessidade de falar sobre suas experiências, de receber afeto e

atenção por parte dos terapeutas.

### **A escola**

O espaço comunitário no qual foram realizadas atividades na educação trata-se de uma escola municipal que possui 179 alunos, abrangendo desde a pré-escola até o 3º ano do ensino fundamental, com idades variando entre 4 e 12 anos, operando nos turnos da manhã e tarde. A equipe de trabalho, além da direção, inclui diferentes profissionais, como supervisoras, orientadoras educacionais, psicopedagoga, fonoaudióloga, professora de atendimento educacional especial, bibliotecária, secretário, professores, estagiárias de magistério e monitoras de alunos de inclusão. Adicionalmente, as estagiárias de PSC desempenham um papel ativo na escola durante três turnos semanais. Os atendimentos são conduzidos por estagiárias de psicologia em diferentes níveis de formação, uma de nível profissional e três de nível básico.

Neste contexto educacional, o trabalho realizado abrange diversas atividades, incluindo observações em sala de aula e intervalo, participação em reuniões diretivas, conselhos de classe e entrega de boletins, bem como atendimentos individuais a alunos e acolhimento de familiares e professores. Entretanto, a escola enfrenta desafios consideráveis, como dificuldades de aprendizagem, altos níveis de violência e agressividade dos alunos, bem como a vulnerabilidade e o desinteresse das famílias pela educação das crianças. Além disso, a rotatividade de profissionais e a falta de tempo adequado para reuniões de planejamento e diálogo docente contribuem para ruídos na comunicação e desencontro de informações.

Outra questão crítica está relacionada às demandas por resultados impostas pela secretaria municipal, colocando pressão adicional sobre os professores. Não surpreendentemente, muitos professores relatam o acompanhamento com psiquiatras ou psicólogos e o uso de medicamentos para controlar ansiedade e depressão, destacando a vulnerabilidade da categoria de profissionais da educação em relação à saúde mental. Um estudo transversal que envolveu 1.021 professores do ensino público do Paraná, revelou a prevalência de distúrbios psíquicos menores em 75% dos participantes, com taxas de depressão em 44% e ansiedade em 70% (Tostes et al., 2018). Segundo os autores, estes achados evidenciam a presença expressiva de sofrimento mental nos profissionais, indicando que está relacionado com as condições de trabalho dos professores, além das queixas anteriormente descritas.



Os desafios também se estendem à relação entre a escola e os pais, com queixas frequentes sobre a postura negligente e pouco participativa destes. Além disso, a preocupação com alunos que apresentam excesso de faltas, comportamentos disruptivos e desafiantes, bem como a falta de preparação para avançar para os anos subsequentes, gera frustração, estresse e sensação de impotência entre os professores. Para lidar com esses problemas, o acionamento do Conselho Tutelar e da Secretaria Municipal de Educação é necessário em muitos casos, referem as professoras da escola. No entanto, é evidente que a direção da escola está empenhada em promover o bem-estar das crianças. As estagiárias foram integradas à equipe de forma positiva e harmoniosa, com acesso livre a documentos dos alunos e autonomia para estabelecer contato com suas famílias, quando necessário. Essa abordagem demonstra o compromisso da escola em buscar soluções para os desafios que enfrenta, visando melhorar a qualidade da educação e o bem-estar de seus alunos.

Ao ingressar na escola, as estagiárias experimentaram uma sensação de entusiasmo ao trabalhar com as crianças, mas sentiram-se instigadas ao perceber que sua comunicação precisava ser ajustada para explicar, de modo simples, os conceitos que envolvem a psicologia para melhorar a compreensão das crianças e seus familiares. Boa parte das interações sociais das crianças, observadas na escola, evidenciavam comportamentos agressivos, bullying, preconceito e desregulação emocional. Dessa forma, as estagiárias depararam-se com o desafio de buscar estratégias de enfrentamento e manejo. O que não é tarefa fácil, dadas as condições complexas e vulneráveis nas quais as crianças e seus familiares vivem. Ainda assim, as estagiárias puderam experimentar a sensação de realização diante de casos em que algumas crianças já apresentaram progresso superando obstáculos na aprendizagem, nos medos experienciados, na indisciplina em sala de aula e conflitos envolvendo colegas e professores.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A inserção de estagiários de psicologia em contextos de vulnerabilidades oportunizou aprendizados importantes, primeiro porque constata-se a relevância do trabalho da psicologia nesses espaços, atuando desde a promoção e prevenção em saúde, ao cuidado em saúde mental. A alta demanda por atendimentos de diferentes modalidades favorece um campo de aprendizados significativos para os estagiários.

Segundo, os locais ou as instituições da comunidade estavam abertas a acolher os alunos em formação, o que corrobora para o reconhecimento da psicologia como uma área fundamental no campo das políticas públicas. Ademais, estimular alunos de graduação para atuar no campo das políticas públicas é um desafio importante para as universidades, pois as formações ainda estão centradas na clínica tradicional. Assim, conclui-se que as vicissitudes do aprendizado em situações de vulnerabilidade exigem dos estagiários o reconhecimento das realidades locais, das demandas, assim como empatia, desconstrução de conceitos e pré-conceitos, a fim de que possam se inserir integralmente com dedicação, iniciativa e expectativas. Expectativas que serão correspondidas, outras não, mas que fazem parte do aprendizado. Portanto, aprender é sempre um ato desafiador. Aprender em ato, é mais desafiador ainda.

## REFERÊNCIAS

- Costa, J. T.; Silva, F. S; Silveira, C. A. B. (2018). As práticas grupais e a atuação do psicólogo: intervenções em grupo no Estágio de Processos Grupais. *Vínculo*, 15(2), 57-81
- Freitas, M. de F. Q. (2015). Práxis e formação em Psicologia Social Comunitária: exigências e desafios ético-políticos. *Estudos De Psicologia (campinas)*, 32(3), 521–532.
- Gonçalves, M. A.; Portugal, F. T. (2016). Análise Histórica da Psicologia Social Comunitária no Brasil. *Psicologia & Sociedade*, 28(3), 562–571.
- Lima, A. F.; Ciampa, A. C.; Almeida, J. A. M. (2009). Psicologia social como psicologia política?: A proposta de psicologia social crítica de Sílvia Lane. *Revista Psicologia Política*, 9(18), 223-236.
- Rodrigues, S. N., & Damásio, B. F. (2014). Desenvolvimento da identidade e sentido da vida na adolescência, In L. F. Habigzang, E. Diniz & S. H. Koller (Orgs.). *Trabalhando com adolescentes: teoria e intervenção psicológica*. (pp. 30-39)
- Scarparo, H. B. K., & Guareschi, N. M. de F. (2007). *Psicologia social comunitária*

profissional. *Psicologia & Sociedade*, 19(spe2), 100–108.

Tostes, M. V., Albuquerque, G. S. C. D., Silva, M. J. D. S., & Petterle, R. R. (2018). Sofrimento mental de professores do ensino público. *Saúde em Debate*, 42, 87- 99.

Yasui, S., Luzio, C. Amélia; Amarante, P. (2018). Atenção psicossocial e atenção básica: a vida como ela é no território. *Revista Polis e Psique*, 8(1), 173-190.